

InGana: economista Marcelo Néri vê Brasil como mistura de Inglaterra com Gana

RIO - Em sintonia com o clima de torcida pelo hexa, o economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Néri, acaba de cunhar um novo pseudônimo para o modelo tributário do País: InGana. A idéia, com humor tipicamente carioca, parte de sua análise do paradoxo objeto de seus estudos: o Brasil tem a carga tributária da Inglaterra e a má qualidade em gastos sociais de Gana.

15:01 27/06

Admar Branco, repórter US no Rio de Janeiro (abranco@brti.com.br)

Néri explicou ao **Último Segundo** como analisa a situação de um país que “taxa como rico e gasta no social como um país pobre”.

“Temos um Estado grande, carente de uma lipoaspiração, cheio de ineficiências que infelizmente não ocupam muito a agenda dos candidatos”, analisa.

Nos anos 70, Edmar Bacha criou o aforismo BelÍndia, para ressaltar a internacionalmente famosa desigualdade brasileira, uma pequena e próspera Bélgica incrustada no meio de uma grande e pobre Índia. Nos anos 80, ainda antes da queda do Muro de Berlim, Mário Henrique Simonsen comparou o Brasil a uma BanglAlbânia, mistura da pobreza de Bangladesh com o intervencionismo e a ineficiência estatais da Albânia, o mais fechado dos regimes do bloco soviético.

Agora é a vez de Marcelo Néri lançar o conceito do Brasil como InGana: a carga tributária de uma Inglaterra combinada à má qualidade dos gastos sociais de uma Gana.

“A carga tributária brasileira corresponde hoje a 38% do PIB, a maior disparada da América Latina. Mas, segundo o Banco Mundial, 40% do nosso PIB está na informalidade”.

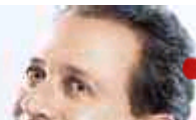
Para o economista, a prática de fraudar a legislação trabalhista é sinal do lado perverso que contamina a sociedade, o famoso “jeitinho brasileiro”: “Isso é indesejável em vários aspectos. O empresário brasileiro acaba por transferir seus recursos para as tecnologias de evasão, e aí quem paga a conta é o Estado, por não receber o devido. Na verdade, o Estado que engana também é enganado pela população”, analisa Néri.

Para ele, o que surpreende é a passividade com que aceitamos um aumento da carga tributária na última década de mais de dez pontos percentuais: de 28% para 38% do PIB. Segundo seu cálculo, se todos pagassem os impostos que devem ao Estado, a carga tributária hoje seria de 57% do PIB.

Em contrapartida, os gastos sociais chegam a 25% do PIB, mas principalmente devido à parcela da Previdência – benefícios, pensões, aposentadorias – o que para Néri não é gastar bem: “Seria melhor priorizar a Educação”.

Néri tem uma proposta: “O ideal seria o Estado se comprometer a não aumentar o volume de impostos pagos efetivamente além dos níveis atuais. Qualquer redução da evasão fiscal seria transformada em menores impostos ou créditos fiscais divididos entre aqueles que honram o pagamento dos tributos.”

**Sempre que precisar de dinheiro
conte com a Finasa.**



↓ passe o mouse

